

# ESTANDARTE

JORNAL DE MOCIDADE

Redacção e Administração:  
PRAÇA DAS FLÔRES, N.º 49

Directores: LUIZ D'AVILLES  
EDUARDO FREITAS DA COSTA

Editor: EDUARDO FREITAS DA COSTA  
Secretário de Redacção: ARTUR PEDRO GIL

ANO I — N.º 3

Liisboa, 25 de Abril de 1941

PREÇO \$40



## ALVES DA SILVA futuro presidente do conselho

Coimbra, a Coimbra turbulenta e estudiosa, boémica e intelectual, bérço de poetas e de sábios, vivia — naquele ano de 1912 — tôda a agitação e tôdas as inquietações do país.

O semanário «Imparcial» surge a arregimentar boas vontades, a definir doutrina, a combater o bom combate, como orientador da juventude universitária. Meia dúzia de nomes assinam os artigos e, entre êles, logo um se destaca, pela sua clareza de exposição, pelo seu brilho literário, pela pre-

cisão e verdade dos seus conceitos: *Alves da Silva*.

É um estudante da Faculdade de Direito, um rapaz como qualquer de nós, disposto a trabalhar com tenacidade, disposto a não transigir com as ideias feitas, disposto a lutar contra os comodismos e as conveniências dos «não te rales» e dos «não vale a pena».

Em sucessivos artigos estuda os problemas da educação e sente-se nêlo o entusiasmo jôvem de quem pretende servir a Pátria com o melhor da sua inteligência e da sua coragem: sente-se nêlo o futuro Chefe.

Sente-se nêlo o futuro Chefe... E quem o vê, de longe, passar quasi timidamente nas ruasinhas da cidade, com a sua batina modesta e a sua capa negra, mal pode adivinhar a fé que lhe vai na alma. Os que se aproximarem, porém, dêsse môço estudante, sentirão a força dominadora de um

olhar que não foge dos perigos — antes os encara de frente; ouvirão a palavra daquele que só fala para ensinar a verdade; conhecerão o homem que vai fazer de tôda a sua vida um apostolado e uma regra. Êle será o Chefe, porque sabe o quere e quere com a vontade indomável dos que apenas conhecem a marcha para a frente.

Passam-se quinze, vinte, trinta anos. O pseudónimo literário *Alves da Silva* ficou para trás, esquecido de quasi todos. ¿ Quem se lembra ainda do rapaz que assinava assim os seus artigos de doutrina e de combate? Mas a Nação inteira conhece agora o verdadeiro nome do Homem que tomou nas suas mãos, para a erguer à altura de renovadas glórias, uma Pátria que parecia perdida: o nome que é o símbolo da nossa grandeza — António de Oliveira Salazar.

E. F. C.

### Editorial

## Disciplina, mola real

A Disciplina é base onde tem de assentar tôda a nossa acção.

Rapazes, embora, é já nesta altura que devemos esboçar a nossa linha de conduta futura, a estrada (plana, só Deus o sabe, mas recta e sem sobressaltos) por onde seguiremos serenamente até ao termo da nossa existência.

Para tanto impõe-se que sejamos disciplinados no corpo e na alma, interior e exteriormente.

Só assim, a-pesar de jôvens, conseguiremos vir a ser alguém, evitando subir pelos outros, seguir caminhos desviados, passar por oportunistas.

Nós temos já uma consciência do que podemos ser — se o quisermos — e, por isso, sentimos, perfeitamente, a necessidade da Disciplina. Ela é a mola real de tôdas as nossas acções, o motor de todos os nossos actos, o regulador de todos os nossos pensamentos.

Disciplina nas almas e Disciplina nos corpos. Por fora e por dentro. Nada de sofismar: para os outros uma coisa, para nós diferente. Isso seria indigno.

Devemos ter sempre, haja o que houver, à nossa frente, bem clara, esta necessidade, necessidade tão grande como o pão para a bôca: a Disciplina tem de nos acompanhar permanentemente, mas compreendendo nós o que ela é e o que realmente vale.

## MOCIDADE PORTUGUESA

## Presente!

Aplaudimos, incondicionalmente, a manifestação que um punhado de bons portugueses teve a ideia de organizar em homenagem à obra e à acção de SALAZAR.

Através das nossas páginas fala essa já gloriosa «Mocidade», êsses muitos milhares de camisas verdes, que são o futuro de Portugal, a esperança segura na continuidade da obra.

É em nome dessa «Mocidade» que, daqui, dêste canto, oferecemos, sem restrições, o nosso aplauso, dado com o coração, de braços abertos, a mãos ambas.

Nesta conturbada hora que o Mundo atravessa — podermos, em volta da figura gloriosa do Chefe do Governo, unir fileiras, congregar todos os verdadeiros portugueses, é mais uma prova bem visível da nossa inquebrantável disposição em continuar seguindo a linha de conduta que, por SALAZAR, nos foi traçada.



## Vestuário do campista

De um modo geral a farda de serviço, adoptada pela M. P. nos acampamentos, é bastante prática e confortável para o campismo, sobretudo se lhe introduzirmos algumas modificações que — em nada alterando o aspecto e o conjunto — lhe dêem maiores probabilidades de assegurar uma completa protecção.

Digo isto por experiência própria, adquirida nos acampamentos que fiz, como graduado desta Organização.

Julgo resolver assim alguns dos problemas que mais frequentemente surgem durante os acampamentos, evitando as constipações e o mal-estar que tantas vezes nos aborrecem.

Assim, o bivaque, leve e cómodo, facilmente dobrável para ser guardado no bôlso ou no sacco alpino, é insuficiente quando se pratica uma marcha através de florestas ou de bosques de arbustos, em que os ramos e os espinhos vão vergastar a cara, ou ferir as mãos ao afastá-los.

Mas se lhe adicionarmos uma tira de pano, que, cosida aos bordos daquele, possa ser dobrada para dentro e descida sobre a cara quando necessário, teremos uma esplêndida viseira para as faces e ainda um cobre-nuca bem apreciável nas ocasiões de trabalhar ou marchar com o sol pelas costas.

A camisa de caqui é forte e leve, mas não oferece uma protecção segura contra o frio e contra os resfriamentos que a sudação provoca.

Mas podemos forrá-la de flanela ou malha fina de lã, sem que ela se modifique exteriormente, e dar-lhe assim uma maior facilidade de protecção contra o frio e resfriamentos.

A camisola interior, tão aconselhável, deve merecer-nos atenção, não só pela protecção que traz ao corpo, como pela facilidade de movimentos que oferece quando é preciso cavar ou montar barracas; mas, para isso, nunca deve ser esquecido o emblema colocado à frente ao meio do peito, cosido à camisola, ou preso por molas, o que é preferível.

Mas há um poderoso auxiliar da camisola, bom, quente, práctico, e que, de algumas centenas de campistas da M. P. e não filiados que conheço, não sei de meia dúzia que o usem: é a cinta de flanela.

Sempre que tenho falado em tal assunto, já em preparação de acampamentos, já em conselhos a campistas pouco endurecidos, não há um único que não tenha a mesma frase: «Cinta... Mas que cómico...»

E não conseguem perceber que além de cómica, a cinta é esplêndida para proteger os rins, que na vida dura de acampamento estão num trabalho continuo e extenuante. Usem a cinta sem vergonha. Não há confusão possível entre um jovem campista e um burguês snob e barrigudo, embora ambos a usem.

Outra peça da farda, que se pode alterar com facilidade, é o calção. De côr boa para o campo e de tecido que acho o mais aconselhável, o calção de serviço da M. P. tem o incon-

veniente de ser áspero. Durante a marcha, durante todo o acampamento, o atrito com a pele das coxas e algumas vezes do baixo ventre, provoca escoriações a que o campista chama «assar a pele».

Mas se tivermos o cuidado de usar uma cueca macia e espessa (flanela) ou se, e ainda melhor, forrarmos o calção interiormente com a mesma flanela, já não nos incomodará a aspreza do cotim.

E continuando esta ordem descendente de artigos de uniforme, lembro-me do ridículo que achei o uso, por parte de um campista bem mais velho que eu, de uma «meia sem pé». Mas quando, pouco tempo depois, voltei de um acampamento na Serra da Arrábida com as pernas arranhadas e vermelhas como pimentões, jurei que não tornaria a acampar sem levar comigo tão útil protector.

Consiste êle numa meia a que foi cortado o pé e substituído por uma tira de pano passando sob a sola do pé. Podemos assim calçar 2 ou 3 pares de meias sem nos custar a calçar as botas ou sapatos e assegurar desta forma uma protecção mais eficaz. Isto é útil principalmente quando o botim está escangalhado, porque nos outros casos, o nosso esplêndido botim é já suficiente protecção.

E ainda no rol das coisas que muitos esquecem, está o pijama. É perfeitamente compatível com a plena natureza em que dormimos, é protecção no tempo frio, decente e práctico em tôdas as épocas.

Damos a seguir uma lista do vestuário que o filiado deve levar para o acampamento:

- 1 Bivaque.
- 2 Camisas da Ordem.
- 1 Camisola exterior de lã, que se vestirá por baixo da camisa quando o frio apertar.
- 2 Camisolas finas de lã, para usar sempre, sobre a pele, com 4 molas fêmeas para nelas se pregarem as do emblema.
- 2 Calções devidamente forrados.
- 2 Cuecas.
- 1 ou 2 Pares de meias da ordem, preparadas como «meias sem pé».
- 3 a 6 Pares de peúgos, que serão mudados sempre que estejam molhados pela água ou pelo suor, e sobre os quais se calça a «meia sem pé».
- 1 Par de botins.
- 1 Par de alpargatas sólidas ou sandálias, para substituir aqueles quando inutilizados por desarranjo irreparável no acampamento.
- 1 Pijama, de preferência confeccionado em flanela.
- 1 «Trousse» ou calção de banho, que servirá para banhos nos rios ou ribeiras encontradas no percurso, e para as abluções matinais no acampamento.

GIL

## Carta a um campeão

Es forte, és saudável, és desportivo; jogas o futebol com os teus camaradas e o «tennis» com os teus «flirts»; conheces a fundo os segredos do rémo, da vela, do avião sem motor; gostas de praticar o alpinismo e os desportos de inverno; não tens, como o Carlos Zeferino, o terror mórbido das correntes de ar, nem tens, como o Tó, a preocupação de saber de cór todos os nomes e todos os divórcios das «estrelas» de Hollywood; és, realmente, forte, saudável, desportivo — um belo exemplar de humanidade jovem. Mas coisas há em que és velho, em que tens pelo menos, pelo menos, cinquenta anos...

Assim, ontem, discutias tu com o Joaquim Manuel não sei que escaramuça ou batalha desta guerra, e como êle, a certa altura, te dissesse, como quem lança o argumento supremo: — «Mas eu li no *Notícias*» — logo te detiveste, e te confessaste vencido, num súbito, enorme e escandaloso respeito pela grande imprensa, pela grande informação...

Doutra vez, afirmavas não sei de que escritor que era muito simplesmente uma besta quadrada. O Joaquim Manuel observou-te, porém:

— «Em todo o caso pertence à Academia...»

E percebi que vacilavas, que mesmo estavas pronto a admitir já que o tal escritor, sendo na verdade uma besta, não o seria, afinal, duma forma tão geométricamente quadrada...

Ora tudo isto é grave — como sintoma.

Ser jovem é, antes de mais nada, mesmo até antes da ginástica e do desporto, possuir consciência e orgulho de juventude.

Outro sintoma grave: esta tua frase de há dias:

— «Não tenho política.»

Pertences, porém, à Mocidade Portuguesa.

E qual é a missão da Mocidade Portuguesa?

Preparar homens são de espírito e de corpo que amanhã possam dirigir, possam comandar — possam, em suma, fazer política. Política como a faz Salazar. Política como a fazem todos os grandes chefes. Política de pátria, não política de partido. Mas, contudo, política.

Es forte. És saudável. És desportivo. Só te falta agora que sejas também verdadeiramente jovem, isto é, senhor duma consciência e dum orgulho de juventude.

FRANCISCO XAVIER

## GUERRA...

Nasceu Caim; nasceu Abel. E Caim matou Abel. E pelos tempos fora, a vida foi-se repetindo em trágica monotonia.

Pelo mundo fora as nações nasceram; ao lado da Grécia, Roma; ao lado da Prússia, a Inglaterra; ao lado do Egipto, a Abissínia. Irmãs gémeas umas das outras, sentiram toda a sua vida a necessidade de se ferir, de se matar, de continuar dando vida à tragédia ancestral da Morte de Abel.

Quando será que a Paz retorne ao Mundo, e possamos ver a simbólica pomba roer descasadamente o não menos simbólico ramo de oliveira?



# As aventuras do Português,

## MORTE A DERIBATE!

### O SINAL DA REVOLTA

Na escuridão traiçoeira da noite uma bala sibilo e veio bater no relógio do comandante da tranqueira de Rai-Lete. O assassino falhado aproximara-se da palissada que cercava a casa do comando e apontara cuidadosamente a sua arma; não previra, porém, que um simples relógio protegesse a vida do comandante.

Foi o sinal da revolta. Nesse ano de 1897 os indígenas dos reinos de Timor andavam excitados e as tentativas feitas para apaziguar a questão sem efusões de sangue e sem quebra do nosso prestígio tinham falhado completamente. O ataque ao posto de Rai-Lete provava que era necessário agir com rapidez e energia.

O alferes comandante militar de Thiarlelo, com jurisdição no reino de Deribate, foi então encarregado de castigar os rebeldes, para o que reuniu as suas forças — aliás diminutas — e avançou sobre as povoações revoltadas, utilizando a gente de Deribate, com as reservas que se impunham.

Que essas reservas eram fundamentadas mostram-no os factos ocorridos depois das primeiras operações efectuadas: quando se preparava o ataque a Passa-Laran, povoação importantíssima da região, o régulo de Deribate desertou o acampamento com todas as suas forças, arrastando consigo alguns outros régulos e declarando o seu reino em franca rebelião.

Tornava-se urgente castigá-los por uma vez e, se tanto fôsse necessário, destruir o reino que se atrevia a desafiar-nos.

### TALO, O BOSQUE SAGRADO

A atitude indisciplinada do gentio vinha já de há muito e fôra origem de escaramuças de certa importância uns trinta anos antes. Dessa vez valera ao régulo, para escapar ao castigo do governo português, o ter-se escondido no espesso bosque de Talo, que passou por isso a ser considerado impenetrável e a merecer dos indígenas a designação de *lutem lulic*, o bosque sagrado.

Seguros da impunidade que Talo lhes garantia, começaram pois os homens de Deribate a reunir-se e a entricheirar-se poderosamente na floresta, mantendo uma série de postos avançados em povoações do reino que circundavam o bosque.

A acção do Comandante das forças portuguesas iniciou-se, assim, pela destruição sistemática dessas povoações. Sem tocar nas plantações de café, riqueza importante da região, as três colunas de indígenas fieis e de moradores brancos (a que se juntavam apenas alguns soldados) que constituíam os nossos efectivos, foram incendiando sucessivamente todas as povoações encontradas no seu caminho, até se reunirem umas às outras na orla do bosque.



Começou então o ataque tenaz ao *lutem lulic*, fortaleza natural que as obras de defesa levadas a cabo tinham realmente tornado quasi inexpugnável. Em combates furiosos as nossas colunas vão avançando, passo a passo. As trincheiras, estabelecidas nas ravinas que cortavam a floresta em várias direcções, são ocupadas uma a uma.

O português resolve dar o assalto geral e todos se lançam para a frente, num impulso irresistível, apesar das baixas que o inimigo nos vai causando. Os mortos e os feridos são colocados, sob pequena escolta, à sombra da bandeira e os auxiliares indígenas avançam sempre, aos gritos de «mate-mate embote nia serviço» (morrámos! morramos! é serviço do governo!).

Ao fim do dia todo o bosque de Talo caíra em nosso poder, mas a obra de extermínio ia prosseguir porque os sobreviventes não se renderam e antes correram a barricar-se em Déde-Pum, dentro de um subterrâneo cercado de rocha. Era preciso mostrar-lhes que em parte nenhuma podiam ocultar-se e eximir-se ao castigo do governo.

### O CÉRCO DO SUBTERRÂNEO

Durante 10 dias as nossas forças cercaram o subterrâneo, por se tornar impossível conquistá-lo de assalto.

A posição em que os indígenas se tinham entricheirado era, com efeito, de tal ordem que permitia fusilar todo e qualquer que dela se aproximasse. Algumas sortidas tentadas pelos sitiados foram rigorosamente repelidas, com grande número de baixas para o inimigo, de modo que ao cessarem os sinais de resistência e, ao penetrarem finalmente os nossos dentro do subterrâneo, só encontraram cadáveres.

O reino de Deribate desapareceu e as suas terras foram divididas pelos régulos fieis que mais se haviam distinguido.

Assim terminava a acção heróica do português para consolidar aquela parcela do Império; assim terminava também uma resistência não menos corajosa e pertinaz.

Ilustração do Vanguardista GUY MANUEL

EDUARDO FREITAS DA COSTA

O próximo episódio intitula-se «O PRESÍDIO DE GEBÁ».

## Interferências

### Espírito de vanguarda

Entre as várias cartas de aplauso ao «Estandarte», que temos recebido de camaradas nossos espalhados por todos os cantos da terra portuguesa não queremos deixar de salientar as palavras de um jovem oficial do exército que revelam a permanência e a continuidade do espírito de combate um momento encarnado pela «Acção Escolar Vanguarda», os primeiros camisas verdes, e que hoje anima a «Mocidade Portuguesa», numa vibração de entusiasmo triunfador.

Somos, de facto, «o prolongamento daquele grito inicial, hoje quasi esquecido, mas que se ouviu um dia e se chamou Vanguarda».

### Camaradagem

Agradecemos, com a alegria de nos sentirmos compreendidos, a camaradagem manifestada — em amabilíssimas referências ao «Estandarte» — pelo excelente semanário técnico «Informação Vinícola» e pela imprensa da provincia, nomeadamente o «Diário do Alentejo», o «Notícias de Évora» e o «Correio do Minho».

Registámos, no segundo número do «Estandarte», o silêncio do «Século» acerca do nosso aparecimento. Por um dever de cortezia, cumprenos hoje registar também o silêncio do «Diário de Notícias».

Em compensação, voltaram a falar de nós, com simpatia, o «Diário da Manhã» e «A Voz».

### Actualidade de Eça de Queiroz

O primeiro número do semanário «Acção» publica uma carta inédita de Eça de Queiroz. O grande escritor continua a merecer o interesse dos críticos, dos ensaístas, dos simples leitores sem pretensões, e isto porque as figuras se mantêm bem vivas, a gotejar ridículos mesquinhos e torpezas satadas; o Conselheiro Acácio existe ainda, como existem também o Dâmaso, o Teodorico, ou os jornais como aquele de que Eça fala numa carta a Ramalho Ortigão: «Que estranha espécie de imbecilidade de aquele bom jornal! É a imbecilidade meticulosa e grave!»

O poder de observação, o sentido caricatural, a veia satírica do romancista, continuam a sua obra e conservam ainda hoje toda a actualidade. Esse é o segredo da eternidade da sua arte.

### Liquidação armada

Contavam há dias os jornais a desoladora aventura de um pobre credor que resolveu fazer-se lembrado.

Existem processos vários de liquidar dívidas e não valeria a pena destacar este caso se não fôsse a profunda originalidade do pagamento. Com efeito, em face da insistência com que lhe era reclamada uma quantia que não possuía ou de que não estava disposto a separar-se, o devedor adoptou uma solução de suprema ironia.

Depois de ter prometido — com toda a atabildade — «Espere aí que já lhe pago...», o cavaleiro em questão pegou numa espingarda caçadeira e descarregou-a delicadamente numa perna do importuno credor.

Parece realmente original este contraste entre a pureza de intenções revelada nas palavras e a brutalidade com que foi conduzida a acção. Original — de homem para homem, entenda-se! Entre nações já se tem usado...

# AVIAÇÃO

## PORQUE ESPERAM?

## Aviação sem motor

Eu trato sempre a Aviação como um elemento m<sup>o</sup>, merecedor do nosso carinho e atenção.

Desportivamente bem pode ser julgada como digna duma prática e dum interesse que alente na mocidade o desejo viril do domínio são, da combatividade que ennobrece, do valor que se mostra.

Se através das épocas se criaram sempre meios de prestar à gente nova a melhor maneira de cultivar as suas faculdades másculas, enrijando o músculo e fortificando o moral, fazendo-lhe criar o sentimento da altivez e do orgulho pela estirpe e pela própria personalidade, no nosso tempo é, seguramente, a Aviação que pode oferecer as mais fortes possibilidades de formação do brio, recalçando temores que espream e dando vigor a virtudes que se escondem.

Existem em todos nós, vagamente doseados, os germens do mal e do bem. Do seu conveniente trato nasce o indivíduo digno de enfileirar nos quadros da raça.

A despreocupação ou demasiada confiança no amanhã dum sér que desponta para as responsabilidades da vida pode atingir limites de difícil tolerância. É necessário rodeá-lo dum ambiente que permita o desenvolvimento do que nêle é prestável, estimulando-lhe o desejo de bem servir com fronte erguida, sem jámais permitir que as suas más tendências tenham foros de existência.

Um português nunca pode ser um estranhão capaz de viver na sombra porque recearia a luz que o pode iluminar como iluminou os seus antepassados.

Deve poder-se sempre olhar o céu com galhardia, confiante no poder da nossa alma.

Deus deu ao homem a semente e a terra para que duma e outra coisa tire o proveito que merece.

Não podemos aceitar confortavelmente que os bens do mundo nos procurem. Devemos procurá-los com estoicismo.

É preciso dar à Mocidade condições de Vida que a imponham como uma sagrada esperança na brilhante continuidade da história que tantos outros, do nosso sangue, souberam começar e foram talhando, com esplendor de iluminuras heróicas, no rolar dos tempos.

A Aviação pertence à Mocidade. Olhem por ela, rapazes! Não a admirem só nas revistas ilustradas ou nos feitos dos que a têm procurado pôr em relêvo. Procurem na sua prática fortalecer as vossas virtudes, dominando o espaço, olhando a vida com ardor, vivendo a vossa época! O ânimo é normal pertença da Juventude!

O espírito m<sup>o</sup> de quem dirige a vossa formação para a luta leal de todos os dias, não poderá esquecer o apoio que vos é devido.

Uma só Mocidade. Dirigentes e dirigidos, integrados num espírito moderno, colados ao tempo, olhem pela Aviação, porque ela precisa de todos para que a todos possa servir. Esmalta os aviões de Portugal a Cruz de Cristo, a Cruz das nossas grandezas.

Ergam-na nos ares, para que todos a vejam, a respeitem e a não esqueçam.

HUMBERTO DA CRUZ

## AVIOMINIATURA

*Dêsse belo espírito de aviador que é o nosso camarada portuense Ricardo de Sousa Lima recebemos uma carta que não resistimos à tentação de publicar, porque merece ser bem meditada. Que nos desculpe Sousa Lima a inconfidência que cometemos.*

Com prazer acabo de verificar que no fresco e saudável ambiente de «Estandarte» também rufia a intrépida pena de Humberto da Cruz. É uma aquisição feliz e valiosíssima. Trata-se dum Aviador cem por cento — simultaneamente português inteiro.

Mas não foi para vos falar de Humberto da Cruz que meti na máquina esta fôlha de papel. Foi para fazer côro, para juntar a minha voz à dele, para gritar, como êle, que é preciso fazer-se limpeza — uma grande e enérgica limpeza — que elimine todos os empecilhos que até agora tem estorvado o advento da verdadeira Aviação Nacional! A Grande Renovação dos dois últimos lustros ainda não varreu as potentes «teias de aranha» de fortes cabos de aço que tolhem o vôo às asas portuguesas. Venha essa grande vassourada providencial! Fômos grandes no mar, já provámos que somos capazes de ser grandes no ar, desde que tenhamos asas. Voar é ser m<sup>o</sup>. Possuir espírito aeronáutico é estar projectado no futuro, no amanhã — na grandeza da Pátria.

Como agir para que essa sonhada, essa desejada Aviação Portuguesa surja? Traba-

lhando desde já na Aviominiatura, depois no Vôo sem motor, depois no motorizado! Não teremos duas centenas de aviominiaturistas: precisamos de centenas de milhares deles! Dessa grande massa sairão milhares de pilotos de vôo sem motor, — milhares de pilotos de vôo com motor.

Prepara-se para breve — anunciou-o o Chefe da M. P. e eu sei que se prepara — a introdução eficaz da Aviominiatura na Organização. Vai haver milhares de portugueses j<sup>o</sup>vens a construir, a afinar, a fazer voar as miniaturas de aviões e de pairadores — a aprender o ABC da Aviação para o sentirem, a impregnar-se da ideia aérea, — a criarem o ambiente, o volume e a força que hão-de impôr — natural e inexoravelmente como tudo o que tem de ser — a «Aviação Portuguesa»! Mas antes do advento da verdadeira «Aviação Portuguesa» e durante o seu período de gestação, é indispensável que a voz dos Humbertos da Cruz — que poucos são, infelizmente — continue a fazer-se ouvir. Só um espírito m<sup>o</sup> pode sentir as aspirações mais altas da Mocidade. Eis porque me alegra a certeza de haver mais um reduto de combate — «Estandarte» — guarnecido por um combatente resoluto e esclarecido.

Nós, os carolas da Aviação, que desde há muitos anos consumimos horas e férias destinadas ao repouso e retempêro do corpo e do espírito na propaganda dessa Aviação, estamos tão

Falar-vos da aviação sem motor não é coisa fácil se atentarmos em que, à parte umas escasas dúzias de rapazes que lograram alcançar os seus certificados A, a maior parte dos indivíduos no nosso país faz uma rudimentaríssima ideia do que é essa coisa linda de voar nos ares ao sabor dos ventos, num aparelho silencioso tendo por motor — permitam-me o paralelo — um certo número de conhecimentos práticos e indispensáveis a quem pretende guiar nos ares uma dessas aves artificiais e mais ou menos elegantes, cujas características variam desde o esquemático «Grünau 9», entre nós conhecido por «cavalo de pau», até ao planador «Neise» (de origem alemã), perfeito tipo de aparelho escolhido como monótipo para os Jogos Olímpicos de 1940.

Contudo eu tentarei, em mais algumas despretensiosas crónicas sôbre tão belo quanto completo desporto, dar-vos a ideia, meus amigos, do que é no nosso tempo a chamada «aviação sem motor», que entre nós tão pouco desenvolvimento tem, não obstante o esforço dispendido nesse sentido por pessoas como o tenente Quintino da Costa, a cujo esforço e entusiasmo nós devemos mesmo assim o pouco que se tem feito nesse campo entre nós.

Quem vos escreve teve a dita de ser escolhido para frequentar na Alemanha, juntamente com mais alguns companheiros, a escola de «vôo sem motor» de Grünau, na Baixa Silésia, onde a grande Hanna Reitsch deu os seus primeiros passos na carreira que a tornou conhecida por todos os que a este género de desporto dedicam algum interesse.

Informar-vos-ei assim dos resultados mais recentemente alcançados por russos, franceses, alemães e italianos, falar-vos-ei dos tipos e características dos vários modelos de planadores, definirei os vários certificados que existem na aviação sem motor e procurarei desta forma que em vós nasça e se radique a vontade consciente de praticar o desporto mais lindo que conheço.

MANUEL CERQUEIRA

convencidos que defendemos uma Grande Crusa que nunca nos passa pela mente, por hipótese sequer, que essa Aviação que sonhamos com os olhos da inteligência bem abertos, não venha a ser, ainda em nossos dias, uma bela realidade. E essa realidade *sinto-a* já tão perto que a sua aproximação me dá ainda mais entusiasmo, ainda mais energia, para prosseguir na luta.

Rapazes Directores do «Estandarte»: alonguei-me mais que o que inicialmente previ. «Para mim é sempre agradável falar de Aviação», como diz Humberto da Cruz. Perco-me dentro do assunto, sem o sentir — ou talvez por muito o sentir. Basta, pois, por agora.

Felicitos-vos valorosamente por dardes à Aviação lugar importante do nosso jornal, ao qual desejo próspera e longa vida.

Saudando,

Ricardo de Sousa Lima

P. S. — Tomo a liberdade de vos recomendar a «Aviominiatura» como desporto aéreo mais que recomendável para ser difundido e ensinado nos colunas de «Estandarte».

# Portugal voltou ao mar

Não obstante a facilidade com que a todo o momento se repete que «Portugal é um país de marinheiros», temos em boa verdade de reconhecer que tal afirmação não tem nos últimos tempos correspondido à realidade.

Dir-se-ia que os portugueses cansados da longa faina dos descobrimentos, viraram de bordo, voltando as costas ao mar, quando este passou a ser sulcado por máquinas fumegantes, em vez de brancas velas, que durante séculos constituíram o seu maior sonho, a sua mais raizosa esperança.

Pelo mundo fora porém, se quasi desapareciam as velas dos grandes barcos de navegação transoceânica, outras surgiam bem mais pequenas, modestas de aspirações e menor raio de acção, que assinalavam o nascimento da navegação à vela como desporto.

Portugal não acompanhou o ritmo acelerado do seu desenvolvimento e só uns fugazes lampejos, notabilizaram entre nós, há umas décadas, a prática desta modalidade.

O advento da república, com o afastamento da família real, trouxe um largo interregno à actividade da vela, só raramente ressuscitada por iniciativa de alguns clubes da especialidade.

Não temos a incumbência de fazer a sua história, e assim, seja-nos permitido dar um salto até 1937, ano em que se fundou em Pedrouços, o primeiro Centro de Vela da Organização Nacional Mocidade Portuguesa.

A velha pretensão de que só em barcos grandes se fazia vela, foi logo a pique, assim como a de uma prévia e longa aprendizagem teórica.

Tornar a vela desportiva uma prática acessível a qualquer, fôsse qual fôsse a idade e com um mínimo de conhecimentos iniciais, constituiu desde o primeiro momento o nosso programa, e, a provar a excelência da orientação seguida, estão mais de três centos de filiados que já passaram por aquele Centro e os magníficos resultados obtidos em competições várias, mesmo com antigos representantes internacionais, muito mais velhos e experientes em lutas desta natureza.

A facilidade verdadeiramente excepcional

com que a totalidade assimila os ensinamentos ministrados e se adapta a uma vida que só de um pequeníssimo número era já anteriormente conhecida, leva-nos a afirmar que se andava há muito afastado do bom caminho e que Portugal não tardará a ser «um país de velejadores».

Confronte-se o movimento do nosso rio em 1937 com o actual; verifique-se o número sempre crescente de inscrições, o interesse permanentemente mantido e tereis a certeza de que a obra há tão pouco tempo iniciada, produziu já valiosos frutos, que maiores e melhores serão no futuro.

Vinde até nós!

É ver a boa vontade e alegria com que acorrem nos intervalos dos seus estudos, velejando, participando de regatas ou ainda cuidando meticulosamente de pequenos pormenores das suas embarcações.

É verificar a facilidade com que aceitam as mais rudes fainas, executam os mais difíceis trabalhos da arte de marinheiro e então convencer-vos-eis que os portugueses têm uma vocação especial para as coisas do mar e lhes deve estar reservado um novo papel na vela, para o qual estão caminhando a passos acelerados, por intermédio da nossa Organização.

Verifique-se como mesmo em dias de frio e chuva, os filiados ali comparecem voluntariamente; oica-se com que relutância admitem a possibilidade de passar uma tarde encerrados num cinema; tenha-se presente a confiança com que os pais nos entregam os seus filhos para a prática de um desporto que não é isento de perigos, e, ter-se-á a noção de quanto evoluiu a mentalidade de filhos e pais, procurando e permitindo uma vida pura de ar livre, onde se adquire um máximo desembaraço e desenvoltura.

Olhai-os, de pele tiszada, cabelos arrussados, vêde a sua alegria estuante, pletórica de saúde e excelente disposição, e tereis a certeza de que melhor não seria possível proporcionar-lhes.

Vinde até nós e verificaí esta verdade que afirmamos — «Portugal voltou ao mar».

J. COSTA BARATA

Director do Centro de Vela de Pedrouços

UNIDADE DO IMPÉRIO

## Sá da Bandeira a Viana do Castelo Africana

O combóio sobe lentamente a Serra de Chela...

A um lado o precipício que espreita o menor descuido do experimentado maquinista; a outro o arvoredo que me faz recordar um pouco da nossa Província do Minho, com o seu casario branquinho aqui e ali.

Horas depois entramos nas agulhas, e logo, como no Continente, aparece o lindo edifício da estação com o seu letreiro: SÁ DA BANDEIRA.

Os automóveis modernos formam bicha próximo da estação e os seus motoristas europeus fazem-nos esquecer por momentos que estamos na África; nessa cidadezinha tão linda e tão risonha que é Sá da Bandeira.

São tantas as características comuns a esta cidade e a Viana do Castelo, que quasi numa só palavra eu poderia fazer esta minha pequena crónica, aproximando estas duas terras bem portuguesas, uma situada no Continente e outra nesta nossa próspera colónia de Angola.

Para isso bastaria dizer que Sá da Bandeira é em quasi tudo uma Viana do Castelo situada nesta África, a uma altitude elevada em que o clima é tão ameno que o recomendam aos funcionários doentes que em Angola labutam.

Os seus costumes são os mesmos e tão característicos como os do Minho: — o processo de cultivo das terras, os costumes e usos do vestuário são semelhantes: até os populares carros de bois, que quem já visitou o Minho muito bem conhece, são precisamente iguais.

Além de toda esta beleza, os lindos riachos correndo entre sombras permitem-nos observar mais uma nota curiosa de semelhança entre as lavadeiras pretas e as europeias do nosso Minho, porque o processo de lavar a roupa aqui é precisamente idêntico ao daquela provincia do continente.

Como cidade, Sá da Bandeira tem ruas amplas e lindos jardins floridos onde vive essa mocidade colonial, netos e filhos de colonos que alicerçaram este cantinho distante de Portugal grande.

No Liceu de Sá da Bandeira os estudantes usam tanto a capa e batina, que por vezes me esqueço que estou na África e me transporto em pensamento à risonha cidade de Coimbra.

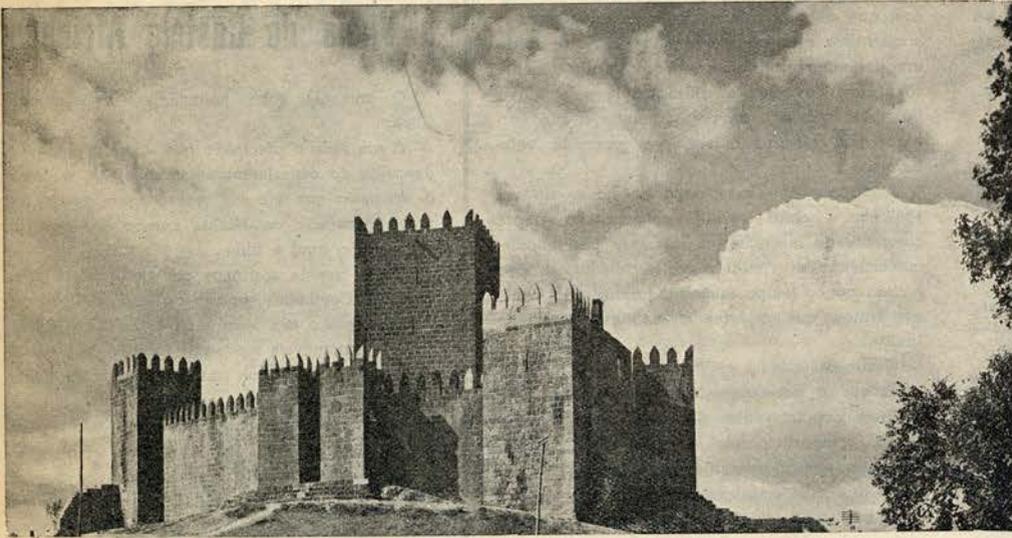
A sua água é sem dúvida a melhor de toda a Angola havendo mesmo quem explore a sua venda engarrafada: essa é a água da Senhora do Monte, parecidíssima com a de Moledo.

Como vêem a África não é o inferno em chamas que muitas pessoas julgam, nem o calvário de presidiários. Não! Ela é bem um pouco do nosso cantinho europeu, onde os costumes são por vezes, em certos pontos da Colónia, iguais aos da Metrópole como por exemplo em Sá da Bandeira, onde até os nativos, para dar uma nota mais frisante do seu amor Pátrio, se vestem à europeia e falam o Português.

Sá da Bandeira é, realmente, a Viana do Castelo Africana!



# "MOCIDADE PORTUGUESA"



Nos castelos  
das bandeiras  
da Mocidade  
há a sugestão  
medieval dos  
outros castelos  
que construíram  
PORTUGAL

## Acampamentos

Aproveitando as férias da Páscoa e no cumprimento de instruções dadas do Commissariado Nacional — vários Centros, Escolares e Extra-Ecolares, organizaram acampamentos em diversos locais dos arredores de Lisboa.

Na Marinha, em Cascais, os Centros dos Liceus Passos Manuel e Pedro Nunes, e o Centro da Especialidade de Milícia que funciona em Caçadores n.º 5, estiveram acampados.

Tudo decorreu na melhor ordem. Nenhuma nota discordante, como, de resto, já vai sendo norma geral.

O Chefe do Estado dignou-se visitar estes Acampamentos, sendo recebido com tôdas as honras inerentes à alta função que exerce. Uma guarda de honra, devidamente armada, foi passada em revista pelo Senhor General Carmona que, seguidamente, percorreu o recinto dos acampamentos.

★

No antigo Jardim Zoológico, os futuros graduados também estiveram, durante alguns dias, acampados.

Este novo processo de fazer a educação e a instrução do graduado por um período de tempo mais curto que anteriormente, mas de uma forma mais intensiva — parece-nos recomendável e útil.

Infelizmente chuvas copiosas obrigaram os acampados a retirar, devendo o acampamento ser restabelecido, num dos próximos fins de semana, e nessa altura o Sr. Comissário Nacional proceder à entrega das divisas.

## «Via Latina»

Passou a director da «Via Latina» — órgão da Associação Académica de Coimbra — o nosso querido e camarada Ramiro Valadão.

## 1.º de Maio Dia do Lusito

O dia 1.º de Maio, dia do trabalho, que noutros tempos se comemorava justamente com a ausência de trabalho (a famigerada greve geral), tomou mais forte sentido com a Revolução Nacional.

O Estado Corporativo dignificou o trabalho como um direito e um dever para todos, como um serviço de Pátria, e por isso o «1.º de Maio», festa do trabalho nacional, foi consagrado pela Mocidade Portuguesa como o «Dia do Lusito».

Futuros vanguardistas, futuros cadetes, futuros legionários, os camisas verdes são educados assim — desde a sua entrada na vida — em um saudável ambiente de dignidade social.

O trabalho não cansa, porque é um dever que se cumpre com alegria.

O trabalho não deprime, porque é um direito que se conquista como um título de honra.

... «Trabalha com fé!» — disse o Chefe. Saibamos imitar o exemplo do maior entre todos os trabalhadores portugueses!



## ESTANDARTE

### ASSINATURAS

Trimestral .....	2\$40
Semestral .....	4\$50
Anual .....	9\$00

Os assuntos de redacção e administração tratam-se das 10 às 12 horas e das 18 às 20 horas na Praça das Flores n.º 49

### COMPOSTO E IMPRESSO NAS

Officinas Gráficas da Casa Portuguesa  
Rua das Gáveas, 103 — Lisboa

Propriedade da O. N. M. P.

Num dos últimos acampamentos